



## MÍDIA COMO DROGA

### *Laudatio a Harry Pross, em seu aniversário de 80 anos*

por Norval Baitello Junior<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

O tema da ritualização da mídia e dos processos comunicativos tem no pensamento de Harry Pross um papel de destaque. Em seu livro (organizado juntamente com C.-D. Rath), *Rituale der Medienkommunikation* (Rituais da comunicação da mídia), de 1983, em inúmeros artigos para jornais, revistas e periódicos, em capítulos de livros, o autor aborda a questão do ritualismo de maneira inusitada nos estudos das ciências da comunicação e/ou teorias da mídia. A divisão do trabalho e a sincronização das funções sociais são formulações do tempo de uma sociedade. E os rituais, instituições culturais (e portanto sociais por excelência), situam-se além dos "ritmos cosmológicos da natureza e dos ritmos biológicos do organismo humano". A necessidade de ritualização dos produtos da mídia encontra ressonância nos ritmos biológicos e nos ritmos cosmológicos, mas produz efeitos sociais e políticos dignos de atenção.

**Palavras-Chave:** Mídia; Vertical; Processos Comunicativos

#### **Abstract:**

The theme of the ritualization of the media in the communication process plays an active role in the thoughts of Harry Pross. In his book (organized together with C. -D. Rath), *Rituale der Medienkommunikation* (Rituals in media communications), 1983, In numerous articles for newspapers, magazines and periodicals, in chapters of books, the author approaches the issue of ritualization in unknown form in scientific communication studies and/or theories of the media. The division of work and the synchronization of social functions are the formulas of a time in society. And the rituals, cultural institutions (social in the most) are placed beyond the "cosmological rhythms of nature and of the biological rhythms of the human organism". The necessity of a ritualization in the products of the media is found in the resonance of the biological and cosmological rhythms, which produce social and political effects that are worth noticing.

---

<sup>1</sup> Norval Baitello Junior é professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Fundador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia e líder do grupo de pesquisa junto ao CNPq.





**Keywords:** Media; Vertical; Communicative Process

*""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra  
do homem!""*

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

### **"Ensinar - 1968-1983"**

Com este título sumário e nada pomposo se desenrola o penúltimo capítulo das Memórias de um 'Intrangeiro' (Memoiren eines Inländers), do cientista político, escritor, jornalista e comunicólogo alemão Harry Pross, ainda hoje vivo e ativo. Vivo em sua aldeia de mais de 1200 anos e menos de mil habitantes, ativo como escritor e comentarista político e de mídia em toda a Alemanha, Áustria e Suíça, em jornais, emissoras de rádio e canais de televisão. Sobre esse mestre e seu pensamento, muito pouco conhecidos aqui, seu saber e seu humor, sua acidez política e sua doçura humana, pouco se escreveu. E até mesmo nos países de fala alemã ainda não foi dado o destaque que merece sua obra, um instrumental valioso para a compreensão da interface hoje tão complexa e sempre muito importante entre a comunicação e a política.

A data assinalada de início de sua atividade docente, 1968, constitui um ícone não apenas na França. Berlim e sua 'universidade vermelha'(no dizer do pensamento conservador acuado pelas rebeliões de 68) foi palco de uma profunda revolução, não apenas nos





hábitos e costumes, mas também no sistema educacional. O movimento alemão de 68, geograficamente muito próximo do francês, terá sido talvez aquele que mais duradouras e mais profundas contribuições deixou para a formação de um modelo efetivo de resistência civil a uma sociedade conservadora cada vez mais dominada pelos preceitos uniformizadores do consumo, da propaganda e da mídia, preceitos esses que abririam as portas para a chamada 'globalização', poucas décadas (ou poucos anos) depois. Foi nessa data e nesse cenário que o jornalista e radialista de 45 anos assumia a cátedra de Política da Comunicação e logo após a direção do Instituto de Comunicação da Universidade Livre de Berlim<sup>2</sup>. Não sem uma experiência precedente, como professor de Sociologia, Ciência Política e Comunicação na Escola Superior da Forma (Hochschule für Gestaltung) - a sucessora, no pós-guerra, da renomada Bauhaus - sediada então na cidade de Ulm, no sul alemão<sup>3</sup>.

Harry Pross tinha sido aluno de Alfred Weber, irmão de Max Weber, em Heidelberg, no imediato pós-guerra<sup>4</sup>. Mas o trabalho como jornalista nas décadas seguintes marcaria o pensamento do cientista político, fazendo-o voltar-se para a reflexão teórica sobre os

<sup>2</sup> Como Redator Chefe da importante Radio Bremen de 63 a 68, Harry Pross fez escola no radialismo alemão, enfatizando a face crítica e pedagógica do veículo.

<sup>3</sup> A Hochschule für Gestaltung, Ulm. (Escola Superior da Forma) reuniu, a exemplo de sua predecessora, a Bauhaus, os maiores nomes das artes aplicadas e das ciências, não apenas da Alemanha, mas de toda a Europa, desde o imediato pós-guerra (1953) até seu fechamento na década de 70: de Max Bill (fundador e primeiro reitor) a Max Bense (Filosofia), de Abraham Moles (Estética) a Thomaso Maldonado (Semântica), de Horst Rittel (Matemática) a Gert Kallow (Teoria da Informação).

<sup>4</sup> Alfred Weber, irmão de Max Weber, foi professor na Universidade de Praga e, a partir de 1909, na Universidade de Heidelberg. Sociólogo e economista, era defensor de uma Sociologia universal da cultura.





meandros da política da comunicação (e da comunicação da política), seus processos, progressos e retrocessos, seus efeitos, sua sistemática e sua simbologia específica. Assim o jovem politólogo decide dedicar uma vida a desvendar os mistérios que conferem aos símbolos o poder de determinar vidas e destinos. Com humor inicia suas memórias: "Uma pessoa nunca pode ser cuidadosa o suficiente na escolha do dia de seu nascimento. Porque não prestei a devida atenção, o meu caiu no dia 2 de setembro de 1923, uma data besta, conforme se verá logo adiante. Meus pais (...)tiveram que depositar sobre a mesa da gráfica, para um anuncio comum, alguns milhões de marcos, pois um dólar americano, já naquela época a medida de todas as coisas, custava 9,7 milhões de marcos, logo depois 33 milhões, alguns dias depois 66 e no dia 17 de setembro já 200 milhões (...). Ainda hoje, 70 anos mais tarde, o medo da inflação é um dos poucos elos entre todos os 'irmãos e irmãs' alemães. (...) Símbolos vivem mais que os homens" (Pross, 1993:13-15).

### **Símbolos da política, política dos símbolos.**

Depois dos livros Die Zerstörung der deutschen Politik (A destruição da política alemã) de 1959, Vor und nach Hitler- zur deutschen Sozialpathologie (Antes e depois de Hitler - sobre a patologia social alemã) de 1962, Literatur und Politik (Literatura e Política), de 1963, Jugend, Eros und Politik (Juventude, Eros e política) de 1964, Dialektik der Restauration (Dialética da restauração) de 1965, Moral de Massenmedien (Moral dos meios de comunicação de massa) de 1967, Publizistik (Comunicação jornalística) de 1970, Die meisten Nachrichten sind falsch. Für eine neue Kommunikationspolitik. (A maior parte das notícias é falsa. Por uma nova política da comunicação) de 1971, Söhne der Cassandra (Filhos de Cassandra) de 1971, Medienforschung (Investigação da mídia) de 1972, sai em 1974, em pequeno formato de livro de bolso, seu Politische Symbolik . Theorie und Praxis de öffentlichen Kommunikation (Simbologia política. Teoria e prática da comunicação





pública). Em seu prólogo para a edição espanhola, de 1980, diz o autor que a "difusão massiva de símbolos visuais pela televisão é considerada há muito uma questão política. O que não está tão claro é a temática que se entende com essa expressão. (...) Até que ponto a política é algo 'puramente' simbólico? Tentei colocar em relevo algumas das formas [simbólicas] fundamentais, que não cessam de se repetir, residindo o seu poder precisamente na repetição e na repetibilidade" (Pross 1980:11).

Em uma crítica às teorias semióticas e sua definição de signo (e símbolo) como "algo que representa alguma coisa para alguém", Pross busca fundamentos ontogenéticos para o desenvolvimento das noções relacionais primeiras, para o nascimento, enraizamento e amadurecimento dos vínculos sociais, uma vez que, conforme diz em seu *Publizistik*, "O homem nasce pela comunicação. Ele é o resultado de forças comunicantes. Ligação, mediação, compreensão, transação tornam a vida individual possível. O fim da comunicação chama-se morte" (Pross, 1970:22). E, uma vez que sua constituição é social e não há sociedades sem comunicação, o diálogo entre "autodeterminação e heterodeterminação" será o fator constitutivo central do universo do homem; sua existência social e sua natureza comunicativa serão sempre a resultantes destes dois vetores de distintas intensidades e de direção diversa.

Assim, na busca de uma arqueologia ontogenética da comunicação, o autor propõe uma investigação das experiências pré-predicativas, processos nos quais se vai constituir o fundamento da sociabilidade e portanto da comunicação humana. Dentre as experiências pré-predicativas fundantes encontram-se a vivência da horizontal e a aquisição da vertical. A partir delas constituem-se as formas de apropriação vinculadora do espaço. As codificações do espaço e a criação de suas categorias abstratas fundamentais para os processos comunicativos nascem de experiências pré-predicativas simples tais quais a





diferenciação entre dentro e fora, alto e baixo, próximo e distante<sup>5</sup>. A partir da experiência vinculadora do espaço e sua apropriação simbólica por meio das operações sinalizadoras "pode-se dizer que [o sujeito] ele mesmo não está corporalmente onde está o símbolo, mas relaciona o símbolo com sua presença e assim estará simbolicamente onde não está. (...) Pode-se dizer (...) que o sujeito que sinaliza não está realmente lá onde se levanta a estaca sinalizadora: a práxis social se funda no reconhecimento dessa representação e onde quer que ela não seja reconhecida como real, irrompe a violência física."(Pross, 1974:47).

Assim, a heterodeterminação pode ocorrer por meio de símbolos consensuais e contratados socialmente na comunicação horizontal ou por meio de símbolos que circunscrevem e vinculam espaços e constroem verticais distribuidoras de símbolos.

### **Verticalismo e economia dos sinais**

Por meio de marcadores e demarcadores espaciais - materiais ou simbólicos - o homem vai construindo verticais que necessitam bases horizontais cada vez maiores para sua sustentação. O espaço de alcance de uma vertical constitui um campo, a reunião de vários campos constitui uma rede. Os vínculos entre as verticais e as horizontais são de "subordinação e supraordenação", enquanto que as relações entre as horizontais são de "coordenação". Há assim uma tipologia simples de sistemas comunicativos: a comunicação horizontal e a comunicação vertical, cada uma delas responsável por tipos

<sup>5</sup> Note-se que esta codificação binária primordial como provável traço mais arcaico da ordenação e codificação dos fatos observados como textos de cultura - vem sendo hodiernamente confirmada por outros investigadores da comunicação humana. Mencione-se aqui o tcheco Ivan Bystrina, contemporâneo de Harry Pross na Universidade de Berlim, V.V. Ivanov, André Leroi-Gourhan e muitos outros. Acrescentem-se ainda as notáveis considerações e observações do etólogo humano Boris Cyrulnik em sua obra *ensorcellement du monde*.





específicos de relações, das relações de hierarquia e poder às relações de solidariedade e camaradagem. Pross dedica grande parte de seu livro *Zwänge (Coerções)*, de 1981 às mazelas daquilo que denomina "verticalismo na comunicação", a criação e a crescente concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos ou poucos grupos, gerando um tipo de violência simbólica que Bourdieu e Passeron em 1970 já apontavam no sistema educacional.

A dinâmica do verticalismo na comunicação lança mão de uma moeda extremamente valiosa: o tempo de vida dos receptores. "O poder dos homens sobre os homens principia com a usurpação do tempo de vida", afirma Pross (cf. Baitello 1993:115). Assim se constitui, (analogamente ao conceito desenvolvido anos depois pelo filósofo Hans Blumenberg, 1986, em *Lebenszeit und Weltzeit - Tempo da vida, tempo do mundo*) o tempo de vida, um bem finito, não renovável, a matéria prima para o poder da mídia em toda e qualquer de suas manifestações. Quando dez pessoas empregam seu tempo de vida para ouvir a um professor, estarão multiplicando por dez o valor do tempo de emissão do mestre, criando uma desproporcionalidade e, com isso, uma vertical. O fenômeno se amplifica e complexifica quando 100 milhões de pessoas entregam 4 horas de seu dia de 24 a um veículo de comunicação como a televisão. Com o desenvolvimento de aparatos cada vez mais poderosos de busca dos receptores, com verticais cada vez mais eficazes em sua própria manutenção, os sistemas de comunicação passam a transferir cada vez mais seus próprios custos para os receptores. E, para a criação de relações de dependência, são rarefeitos os conteúdos e o teor informacional transmitido pelos emissores, surgindo daí um "déficit emocional"(H. Pross). Assim, pelos preceitos da "economia dos sinais" (*Signalökonomie*), amplia-se em progressão geométrica o poder dos emissores enquanto se achata o repertório dos receptores. "O desenvolvimento





técnico dos meios segue o princípio, ao longo dos milênios, de redução do esforço do sinal para o emissor."(Pross 1981: 97).

### **Mídia e ritualismo como drogas**

O tema da ritualização da mídia e dos processos comunicativos tem no pensamento de Harry Pross um papel de destaque. Em seu livro (organizado juntamente com C.-D. Rath), *Rituale der Medienkommunikation* (Rituais da comunicação da mídia), de 1983, em inúmeros artigos para jornais, revistas e periódicos, em capítulos de livros, o autor aborda a questão do ritualismo de maneira inusitada nos estudos das ciências da comunicação e/ou teorias da mídia. A divisão do trabalho e a sincronização das funções sociais são formulações do tempo de uma sociedade. E os rituais, instituições culturais (e portanto sociais por excelência), situam-se além dos "ritmos cosmológicos da natureza e dos ritmos biológicos do organismo humano". A necessidade de ritualização dos produtos da mídia encontra ressonância nos ritmos biológicos e nos ritmos cosmológicos, mas produz efeitos sociais e políticos dignos de atenção.

"A repetição da mesma coisa em seqüências ritualizadas traz confiança para as incertezas do tempo de vida subjetivo.(...)mas nada é mais capaz de anular responsabilidades individuais do que a repetição monótona dos mesmos ritos."(Pross, in Voigt 1989:55). No mesmo artigo "A mídia: ritualismo como droga" acrescenta Pross: "Uma ética da mídia tem que submeter o ritualismo e o sensacionalismo em igual medida à racionalidade: analisar as imagens sensacionalistas e o ritual como fatores de poder. (...) Ritualismo como droga - um fator político de primeira grandeza."(Pross, in Voigt 1989:68).

Tal clareza ao apresentar com simplicidade processos complexos e tal lucidez de ordenação dos elementos fundamentais da comunicação humana fazem de Pross uma





referência obrigatória para uma área que hoje pretende desenhar seu perfil e suas fronteiras. O jornalista alemão, contudo, jamais deixou de considerar-se um escritor, (trans)portador de um legado de grande valor histórico e cultural, associando e relacionando os fenômenos mediáticos contemporâneos com os textos mais arcaicos da cultura, com as narrativas míticas e com os relatos literários. Seu pensamento nos traz à tona a materialidade complexa da comunicação humana e a necessidade de uma abordagem igualmente complexa e transdisciplinar para que se possa dar conta de entender o fascinante universo dos vínculos e seus sistemas.

Ao completar 80 anos, em setembro de 2003, Harry Pross prossegue sua labuta diária de escrever, escrever e escrever. O pensador da mídia tem a consciência de que os meios secundários, dentre eles principalmente a escrita, são os formatadores principais da civilização da técnica e da sociedade da informação. Constituem esses meios o substrato cultural de todo o aparato que se desenvolve após as revoluções industriais e rapidamente ocupa os espaços das relações primárias e secundárias, acelerando os compassos e encurtando os tempos. Como um trabalho incansável de escavar as arqueologias do tempo presente com a densidade e precisão que as longas décadas e a experiência lhe trouxeram. Há dez anos, ao organizar o décimo e último "Internationales Kornhaus Seminar" declarou que "talvez estejamos diante da principal matéria prima da comunicação, o tempo". Assim lida com o tempo, como matéria prima a ser desenhada pela atividade humana, indispensável ferramenta sincronizadora dos vínculos sociais.





- BAITELLO, N. (1997) *O animal que parou os relógios*. S.P.: Annablume.
- BETH, H.(1983) *Feder-Lese. Publizistik zwischen Distanz und Engagement*. Berlin: Ahrens
- BLUMENBERG, H. (1986) *Lebenszeit und Weltzeit*. Frankfurt: Suhrkamp.
- KLENK, D.(1998). *Gegenwartsverlust in der Kommunikationsgesellschaft*. Münster:Lit.
- PROSS, Harry (1959) *Die Zerstörung der deutschen Politik*. Frankf.: Fischer.
- \_\_\_\_\_ (1962). *Vor und nach Hitler -zur deutschen Sozialpathologie*. Olten: Walter
- \_\_\_\_\_ (1963) *Literatur und Politik*. Olten: Walter.
- \_\_\_\_\_ (1965). *Dialektik der Restauration*. Olten: Walter.
- \_\_\_\_\_ (1970). *Publizistik. Thesen zu einen Grundcolloquium*. Neuwied/Berlin: Hermann Luchterhand.
- \_\_\_\_\_ (1971). *Söhne der Cassandra*. Stuttgart/Berlin/Köln/Mainz: Kohlhammer.
- \_\_\_\_\_ (1972). *Medienforschung*. Darmstadt: Carl Habel.
- \_\_\_\_\_ (1974). *Politische Symbolik. Theorie und Praxis der öffentlichen Kommunikation*. Sttutgart/Berlin/Köln/Mainz: Kohlhammer.
- \_\_\_\_\_ (1980) *Estructura simbólica del poder*. Barcelona: G. Gili
- \_\_\_\_\_ (1981). *Zwänge. Essay über symbolische Gewalt*. Berlin: Karin Kramer. Düsseldorf/Zürich: Artemis & Winkler





- \_\_\_\_\_ (1983) *La violencia de los símbolos sociales*. Barcelona: Anthropos
- \_\_\_\_\_ (Org.) (1985). *Kitsch. Soziale und politische Aspekte einer Geschmacksfrage*. München: List Forum.
- \_\_\_\_\_ (1992). *Protestgesellschaft. Von der Wirksamkeit des Widerspruchs*. München: Artemis & Winkler.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Memoiren eines Inländers*. München: Artemis & Winkler.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Der Mensch im Mediennetz. Orientierung in der Vielfalt*. München: Artemis & Winkler.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Sociedade do Protesto*. S. Paulo: Annablume
- \_\_\_\_\_ (2000). *Zeitungsreport: deutsche Presse im 20. Jahrhundert*. Weimar: Verlag Hermann Böhlaus Nachfolger.
- \_\_\_\_\_ & BETH, Hanno (1987). *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Editorial Anthropos.
- \_\_\_\_\_ & RATH, Claus-Dieter (1983). *Rituale der Medienkommunikation. Gänge den Medienalltag*. Berlin/Marburg: Guttandin & Hoppe.
- \_\_\_\_\_ & ROMANO, Vicente (2000). *Atrapados em la red mediática. Orientación em la diversidad*. Hondarribia: Argitaletxe HIRU.
- ROMANO, V. (1998) *El tiempo y el espacio en la comunicación*. Hondarribia: Argitaletxe.
- VOIGT, Rüdiger (1989) *Symbole der Politik, Politik der Symbole*. Opladen: Leske.





WEISCHER, C. (org) (1993) *Dialoge. Zehn Jahre Kornhaus-Seminar*. München: Lagrev.

